

## PROPRIEDADE DE TERRA E IDEOLOGIA: O MONOTEISMO ÉTICO.

---

**JAIME PINSKY**

do Centro Brasileiro de Estudos Judaicos (USP).

Como e porque um determinado tipo de monoteísmo foi desenvolvido na existência social de um pequeno povo do Oriente Médio: eis o tema a respeito do qual iremos levantar algumas questões e acenar com possíveis respostas.

Inicialmente caberia verificar que o conceito de deus único, em que se crê (monoteísmo) ou que se cultua embora aceitando a existência de outros (monolatria) não surgiu com os hebreus. Pelo contrário, é bastante comum a constatação de deuses regionais, tribais ou “nacionais”, considerados pelos seus veneradores “o verdadeiro deus”, cuja função entre outros era a de proteger os soldados numa batalha. O “deus dos exércitos” dos hebreus terá durante muito tempo apenas esse caráter, comum nas sociedades médio-orientais.

Não se pode esquecer, por exemplo o caráter de Ikhnaton, deus “criado” por Amenofis IV dentro de uma realidade histórica específica e que antecedeu o monoteísmo judaico documentado (1).

Com isso não estamos fazendo nenhum juízo de valor relativamente à importância dos hebreus, mas apenas lembrando que sua permanência na História é devida, não a simples criação dum monoteísmo, mas sim ao aspecto ético desse monoteísmo.

O que foi esse monoteísmo, qual sua especificidade, e, principalmente, como e porque surgiu, este é o objetivo do nosso trabalho.

O monoteísmo ético é caracterizado pela existência de uma divindade com uma função normativa bem definida: fazer com que os

---

(1). — Vide Frankfort et alii, *El pensamiento prefilosofico*. México, F.C.E., 1954, *passim*.

homens ajam de forma *correta e justa*. Entre os hebreus, a exigência dessas normas partia de Deus (Jeová, Élohim), que, embora inatingível, deveria ser situado como ponto de referência do Bem, da Verdade e da Justiça.

A literatura bíblica é quase toda ela comprometida por essa “visão do mundo”. A preocupação nos textos do Pentatêuco, dos profetas e mesmo em alguns “escritos”, é menos com *o que* se narra do que com o *porque* se narra. O objetivo não é contar os fatos mas explicar quais as razões que os determinaram: e as razões reduzem-se, em última análise, à vontade de Deus.

Nesse sentido quase todo o Antigo Testamento não passa de uma Teoria da História de caráter ético-providencialista. Exemplos aí são inúmeros:

1). — Quando do dilúvio que inundaria tudo e faria perecer toda a população, o homem eleito para ser salvo foi Noé, justo entre os maus:

“O Senhor viu que a corrupção dos homens era grande sobre a terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam continuamente voltados para o mal. O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem sobre a terra, e teve o seu coração ferido de íntima dor. E disse: “Eu exterminarei da superfície da terra o homem que criei, e com ele os animais, os répteis e as aves dos céus porque eu me arrependo de os haver criado”. Noé, entretanto, encontrou graça aos olhos do Senhor” (2).

2). — Vendido como escravo a Putifar, José por ser virtuoso passou por amargas provações chegando mesmo a ser encarcerado. Entretanto, conseguiu não apenas sair da prisão como, numa sociedade de pouca mobilidade como a egípcia, ascender à posição de segundo homem do país, porque Deus estava com ele:

“Pode-famos, disse-lhes ele, encontrar um homem que tenha tanto como este o espírito de Deus?” E disse em seguida a José: “Pois que Deus te revelou isto, não haverá ninguém tão prudente e tão sábio como tu. Tu mesmo serás posto à frente de toda a minha casa, e todo o meu povo obedecerá à tua palavra: só o trono estará acima de ti”. “Vês, disse-lhe ainda, eis que te ponho à testa de todo o Egito.” E Faraó, tirando o anel de sua mão, pô-lo na mão de José; fe-lo revestir-se de vestes de li-

---

(2). — *Genesis*, 6, 5-8.

nho fino e meteu-lhe ao pescoço um colar de ouro. E, fazendo-o montar no segundo dos seus carros, mandou que se clamasse diante dele: “Ajoelhai-vos!” É assim que ele foi posto à frente de todo o Egito, o Faraó disse-lhe: “Sou eu Faraó: sem tua permissão não se moverá a mão nem o pé em toda a terra do Egito” (3).

3). — Daví, jovem da tribo de Judá, aceitou enfrentar o campeão filisteu, Golias. Armado apenas com uma funda, derrota o gigante adversário e o degola com sua própria espada. Mas quem derrota Golias não é Daví, mas Deus:

“Disse-lhe: “Sou eu porventura um cão, para vires a mim com um cajado?” E amaldiçoou-o em nome de seus deuses. Vem, continuou ele, e eu darei a tua carne às aves do céu e aos animais da terra!” Daví respondeu: “Tu vens a mim com espada, lança e escudo; eu, porém, vou a ti em nome do Senhor dos exércitos, do Deus das fileiras de Israel, que tu insultaste. Hoje o Senhor te entregará nas minhas mãos, e eu te matarei, cortarte-ei a cabeça, e darei os cadáveres do exército dos filisteus às aves do céu e aos animais da terra. Toda a terra saberá que há um Deus em Israel; e toda essa multidão saberá que não é com a espada nem com a lança que o Senhor triunfa, pois a batalha é do Senhor, e ele vos entregou em nossas mãos!” (4).

Por esses exemplos podemos verificar que a preocupação com o bom exemplo é constante, o temor a Deus constituindo-se em padrão para a bondade dos homens. O temor, no entanto, significa, em última análise, a busca do Bem, da Justiça e da Verdade bem mais do que o culto ritual da divindade. A expressão mais acabada dessa preocupação, vamos encontrar com os Grandes Profetas, especialmente Amós e Isaías:

“De que me serve a mim a vossa profusão de sacrifícios? diz o Senhor. Já estou farto deles. Não quero mais holocaustos de carneiros, nem gordura de animais cevados, nem o sangue de bezerras, nem de bodes. Quem vos exigiu tais oferendas, permitindo que andásseis a passear nos meus átrios?

Ouvi estas palavras, vacas de Basã que estais sobre o monte de Samaria, vós que dizeis a vossos maridos: Trazei e beberemos. O Senhor Deus jurou pelo santo nome que brevemente virão dias mais infelizes para vós, em que vos espetarão

---

(3). — *Genesis*. 41, 38-44.

(4). — *Samuel*, 17, 43-47.

nas lanças e meterão os restos do vosso corpo em caldeiras de ferver. E vós saireis pelas brechas abertas uma defronte da outra e sereis lançados para Harmon, diz o Senhor.

Portanto, já que explorais o pobre e lhe exigis tributo de trigo, edificareis casas de pedra, porem não bebereis do seu vinho. Porque eu conheço as vossas inúmeras transgressões e os vossos graves pecados: atacaís o justo, aceitais subornos e rejeitais os pobres à sua porta. Porisso, o que for prudente se calará, porque é tempo mau. Buscai o bem, e não o mal, para que vivais, e o Senhor Deus dos exércitos estrá convosco, como vós afirmais.

Eu aborreço e desprezo as vossas festas; e vossas assembleias solenes não me dão prazer. Se vós me oferecerdes holocaustos e presentes, não os aceitarei; e não porei os olhos nas vítimas gordas, que me ofertares, em cumprimento dos vossos atos. Aparta de mim o ruído dos teus cânticos! Eu não ouvirei as melodias de tua lira. Antes corra o juízo como as águas, e a justiça como ribeiro perene" (5).

Constatamos pois que a busca do Bem, compreendido como justiça — especialmente justiça social — é um *valor positivo* para os profetas. Ora, hoje podemos saber que a redação da obra de Amós e Isaias é bem anterior a de quase todo o resto do Antigo Testamento; antes deles devem ter sido escritos apenas as normas rituais, expressão formal da aliança povo/divindade e evidentemente textos a respeito de legislação. Os especialistas deixam bem claro esse particular (6) anulando qualquer tentativa de se pensar em uma coincidência entre a ordem dos textos que o Antigo Testamento apresenta em qualquer bíblia e a sequência cronológica de sua redação. O que havia, sem dúvida era uma *tradição* oral que encontrou uma forma literária após os profetas e com interferências evidentes da visão destes.

A partir disso não poderemos ter dúvidas em atribuir ao profetismo a estruturação ideológica do monoteísmo ético, como conceituamos acima. Caberia entretanto explicar, primeiramente, quem eram e quando viveram esses profetas. E a seguir, tentar mostrar porque desenvolveram esse tipo de valores.

O profeta não foi criado pelos hebreus; ele já existia entre os cananitas, antigos habitantes da Palestina, com a função de vidente. Há até algo negativo em se ser profeta "profissional" (*nabi*, em he-

---

(5). — *Isaias*, 1, 11-12.

(6). — Vide p. ex. LODS (Adolphe), *Histoire de la littérature hebraïque et juive*. Paris, Payot, 1950.

braico) como podemos avaliar pela seguinte resposta de Amós a um sacerdote de Belem:

“Eu não sou profeta, nem filho de profeta, sou um pastor”.

Porque então o profeta alcançou importância histórica entre os hebreus? Exatamente porque alguns deles, os chamados grandes profetas, utilizavam-se de uma forma já existente — o vidente — para dar um novo conteúdo à ela. Noutras palavras, o profeta utiliza-se de uma forma subjacente ao mundo em que atua, dando-lhe uma nova dimensão. Tomamos como exemplos Amós e Isaías:

*Isaias:*

Isaias nasceu e profetizou na Judéia, provavelmente só em Jerusalém, durante um largo período de tempo, talvez compreendido entre os anos 740 e 701.

De origem social elevada, tinha acesso às principais figuras do reino e sua visão de Deus, embora universal, tinha certas concessões ao ritual vigente, pelo menos no início de sua pregação:

“No ano da morte do rei Ozias, eu vio Senhor sentado num trono muito elevado; as franjas de seu manto enchiam o templo. Os serafins se mantinham junto dele. Cada um deles tinha seis asas; com um par (de asas) eles velavam a face, e com o outro cobriam os pés e, com o terceiro, voavam. Suas vozes se harmonizavam e diziam: “Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos; a terra toda está cheia de glória.” A este brado as portas estremeçeram em seus gonzos e a casa encheu-se de fumo. “Ai de mim, gritava eu. Estou perdido porque sou um homem de lábios impuros, e habito com um povo (tambem) de lábios impuros, e entretanto meus olhos viram o Rei, o Senhor dos exércitos” (7).

Mais tarde Isaías evolui para uma visão crítica, como a de Amós quando afirma:

“Ouvi, ceus, e tu, ó terra, escuta,  
é o Senhor que fala:  
“Eu criei filhos e os enalteci.  
Eles, porem, se revoltaram contra mim,  
O boi conhece o seu possuidor,

---

(7). — *Isaias*, 6, 1-5.

e o asno, o estábulo do seu dono;  
Mas Israel não conhece nada,  
e meu povo não tem entendimento.

Ai da nação pecadora, do povo carregador de crimes,  
da raça de malfeitores, dos filhos desnaturados!

Abandonaram o Senhor,  
desprezaram o Santo de Israel,  
e lhe voltaram as costas.

Onde vos ferir ainda,  
quando persistis na rebelião?

Toda a cabeça está enferma, e todo o coração, abatido,  
desde a planta do pé até o alto da cabeça, não há nele coisa sã.  
Tudo é uma ferida, uma contusão, uma chaga viva,  
que não foi nem curada, nem ligada, nem suavizada com óleo.  
Vossa terra está assolada, vossas cidades, incendiadas.

Os inimigos, à vossa vista, devastam vosso país.

(É uma desolação, como a ruína de Sodoma).

Sião está só, como choupana em uma vinha,  
como choça em pepinal,  
como cidade sitiada.

Se o Senhor dos exércitos não nos tivesse deixado alguns da  
nossa linhagem, nós teríamos sido como Sodoma,  
e ter-nos-famos tornado tais como Gomorra.

Ouvi a palavra do Senhor, príncipes de Sodoma;  
escuta a lição de nosso Deus, povo de Gomorra:

“De que me serve a mim a multidão das vossas vítimas? diz o  
Senhor.

Já estou farto de holocaustos de cordeiros  
e da gordura de novilhos cevados.

Eu não quero sangue de bezerras e de bodes,  
quando vindes apresentar-vos diante de mim.

Quem reclamou isso de vós?

Deixai de pisar em meus átrios.

De nada serve trazer oferendas;

eu tenho horror da fumaça (dos sacrifícios).

As lutas novas, os sábados, as reuniões de culto,  
não posso suportar a presença do crime na festa religiosa.

Eu abomino as vossas luas novas e as vossas festas!

elas me são molestas, estou cansado delas.

Quando estendeis vossas mãos, eu desvio de vós meus olhos;  
quando multiplicais vossas preces, eu não as ouço.

Vossas mãos estão cheias de sangue, lavai-vos, purificai-vos.

Tirai vossas más ações de diante de meus olhos.

Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem.

Respeitai o direito, protegei o oprimido:  
Fazei justiça ao orfão, defendei a viúva” (8).

*Amós:*

Amós deve ter nascido na Judéia, mas profetizou na Samaria, durante o reinado de Jeroboão II (783-743), quando este reino encontrava-se no apogeu, em termos de extensão territorial. A obra de Amós é curta e contundente e há autores, como Morgenstern, que defendem a tese dele ter profetizado uma única vez. Mesmo não considerando válida essa versão, os autores creem que deve ter atuado no decorrer de um único ano, provavelmente 745. A origem humilde de Amós, uma forte negação de qualquer tipo de ritualismo, linguagem agressiva e desabusada e mais do que tudo, um sentimento agudo e intransigente de justiça, essas as características mais evidentes nos nove capítulos do profeta pastor.

O profeta atua no período da monarquia. Esteja ela em boa ou má situação política, a verdade é que a situação da grande maioria do povo é ruim. Na verdade concretizam-se as “previsões” feitas por Samuel, quando o povo pede a Deus um rei e o profeta alerta sobre as mazelas que podem ocorrer.

“E juntando-se todos os anciãos de Israel, foram ter com Samuel, em Ramata, e disseram-lhe: Bem vês que estás velho e que teus filhos não seguem as tuas pisadas; constitui-nos, pois, um rei que nos julgue, como o tem todas as nações.

Samuel, pois, repetiu todas as palavras do Senhor ao povo, que lhe tinha pedido um rei, e disse: Este será o direito do rei que vos há de governar. Tomará os vossos filhos, e os porá em suas carroças, e fará deles moços de cavalo, e correrão diante dos seus coches, e os constituirá seus tribunos e seus centuriões e lavradores dos seus campos e segadores de suas messes e fabricantes das suas armas e carroças. E também tomará o dízimo dos vossos trigos, e do rendimento das vinhas, para ter que dar aos seus eunucos e servos. Tomará também os vossos servos e servas, e os melhores jovens, e os jumentos, e os empregará no seu trabalho. Tomará também o dízimo dos vossos rebanhos, e vós sereis seus servos. E naquele dia clamareis por

causa do vosso rei, que vós mesmos elegestes; e o Senhor não vos ouvirá, porque vós mesmos pedistes um rei” (9).

Em palavras menos bíblicas, o que estava ocorrendo era um processo de transição do sistema tribal, característico da época dos juizes, para um incipiente escravismo que, de resto, nunca alcançará maiores dimensões. A estrutura política é monárquica, apoiada grandemente numa religião em que o ritualismo desempenha importante papel e o templo de Jerusalem (no caso da Judéia) é o centro.

No período que vai do êxodo egípcio até as tentativas de monarquia, permanecem os hebreus num estágio tribal de desenvolvimento. Isto vai significar inexistência de propriedade particular de bens de produção — a terra pertencia coletivamente às tribos — e a consequente estrutura social e política. Socialmente não há divisão por classes, castas ou estamentos e politicamente, apenas chefias eventuais e geralmente de curta duração, tipo juizes, como Débora, Sansão e Gedeão:

“Depois veio o enviado do Senhor, e sentou-se debaixo do terebinto de Efra, que pertencia a Joás, da família de Abieser. Gedeão, seu filho, estava limpando o trigo no lugar, para o esconder dos madianitas. O mensageiro do Senhor apareceu-lhe e disse-lhe: O Senhor está contigo, valente guerreiro!” Gedeão respondeu: “Ah, meu senhor, se o Senhor está conosco, por que nos vieram esses males? Onde estão aqueles prodígios que nos contaram nossos pais, dizendo: O Senhor fez-nos verdadeiramente sair do Egito? Agora o Senhor abandonou-nos e entregou-nos nas mãos dos madianitas.” Então o Senhor, voltando-se para ele: “Vai, disse ele, com esta força que tens e livra Israel das mãos dos madianitas.” Porventura não sou eu que te envio?” — “Ó Senhor, respondeu Gedeão, com que livrarei eu Israel? Minha família é a última de Manassés, e eu sou o menor na casa do meu pai.”

O Senhor replicou: “Eu estarei contigo e tu derrotarás os madianitas como se fossem um só homem” (10).

Num nível diferente, é fácil compreender que as diferenças sociais, nesse estágio de desenvolvimento, são pouco expressivas, quan-

---

(9). — *Samuel*, 8, 4-5. 8, 10-20 — é importante notar que a data provável da redação dessa passagem encontra-se entre 740-621 AC, ou seja, no “período profético” e não por volta de 1.000 a.C. que uma leitura leiga poderia sugerir.

(10). — *Juízes*, 6, 11-16.

do existentes. Não há entretanto plena consciência dessa possível “justiça social” já que não há um outro padrão (injustiça, exploração) a partir do qual esse valor possa ser medido.

A partir do ano 1.000 a.C. aproximadamente, vai ser tentada uma união das tribos, sob a direção, antes de Saul, depois de Davi. Inicia-se o período que denominamos monárquico e que corresponde a uma centralização política administrativa dentro de um incipiente escravismo e com uma consequente carga de “injustiça social”. (O texto de Samuel, acima citado, relativo à escolha de um rei pelos anciãos é bem ilustrativo).

A preocupação profética com os pobres, com sacrifícios inconsequentes dos poderosos, com os orfãos e as viúvas, problemas inexistentes num passado recente que tinha sido um período de felicidade — ou pelo menos de plena alimentação... — não é senão um retorno a uma ideologia não expressa, mas subjacente de *justiça social* característica do período tribal. Os grandes profetas, embora vivendo num determinado momento histórico, ansiavam por um outro que tinha existido e que era anterior à centralização administrativa e política. Essa ideologia tribal em plena monarquia não deixa de se constituir em forma arcaica de pensamento ideológico. Entretanto, foi exatamente essa forma aparentemente *reacionária* de pensamento, que colocou uma forma de se enxergar a história de forma ético-providencialista e portanto *revolucionária*, porque preocupada com a justiça social muitos séculos antes que isso viesse a se tornar tema político relevante. Como decorrência o não muito significativo monoteísmo de algumas tribos médio-orientais transforma-se no monoteísmo ético que conhecemos.

O fato de a mensagem ter extrapolado o momento histórico que a determinou não invalida a necessidade de um fato histórico ser explicado através da história e não da mitologia. Depois, nunca será demais fazer uma reflexão sobre as semelhanças entre a teoria da história que chamamos monoteísmo ético e outros que tem como referencial o desenvolvimento das sociedades até que alcancem uma justiça social também sonhada pelos profetas.